

O JOVEM, CORPO E ALMA, MERCADO PELA SOCIEDADE DE CONSUMO

Natércia de Andrade Lopes-Neta – EDUMATEC/UFPE

RESUMO

As leis do mercado para manter o consumismo desenfreado, a comercialização a todo custo, produz um arquétipo de corpo ideal veiculado através dos meios de comunicação, que favorece o surgimento de marcas visíveis e invisíveis nos indivíduos que buscam, não só o consumo, mas também uma promessa de felicidade. Durante nosso estudo sobre Educação, Corpo e Subjetividade no Mestrado Acadêmico algumas questões povoavam nossa mente e acabaram norteando este trabalho. Será que o homem da sociedade moderna, produtor/produto do consumismo, não consegue mais perceber as fragilidades do outro? Perdeu a sensibilidade? Não tem alma, só corpo? O convívio humano foi destruído por novas formas de pensar? Qual o preço a ser pago por indivíduos que enfrentam a crise de identidade na sociedade moderna? Para respondê-las e analisarmos as consequências deste corpo que é o primeiro contato do homem com o mundo como produto social e cultural, objetivamos discutir os conceitos e reflexões trazidas por Le Breton (2003, 2004, 2007, 2011), Baudrillard (1993, 1995), Bauman (2001, 2004, 2009) dentre outros, sobre a sociedade de consumo e as consequências para a construção identitária dos jovens. Para isso, fizemos um panorama sintomático e remoto ao dualismo entre o corpo e a alma; ao descobrimento do corpo visto de diferentes formas dependendo do contexto social, político e cultural em que se insere; ao culto ao corpo perfeito e à secundarização do homem que não segue os ditos padrões para a sociedade de consumo culminando nas marcas deixadas no corpo e na alma por esta sociedade. Percebemos que a sociedade moderna não produz apenas marcas corporais e as fixam como parâmetro a seguir, a padronização de beleza, a exigência de fazer parte de uma *tribo* e ter tudo o que as convenções ditam para pertencer a ela, acabam por ajustar ou desajustar o comportamento de muitos jovens. A segregação social produzida pela sociedade de consumo que identifica os corpos em classes e o culto ao corpo que põe à margem quem não se adequa aos padrões da moda propagados, principalmente, pelos meios de comunicação, deixa homens que vivem numa vulnerabilidade social destinados à escassez da dignidade humana.

Palavras-Chave: Jovens. Sociedade de Consumo. Identidade Corporal.

Introdução

Durante o século XVI, a alma era percebida como algo imortal pelos seguidores do Catolicismo e entendida como a parte que guarda as sensibilidades do homem, capaz de ver o outro como outro e não como coisa e de elevar-se à comunhão com Deus. O homem é proclamado como uma unidade entre o corpo e a alma¹.

¹ A alma vem do latim *anima*, que significa dar movimento, dar vida, animar, mover. Para Sócrates¹ (469/470 a.C. – 399 a.C.), a alma causa movimento por um poder que ultrapassa os limites da experiência. Sendo que a alma designa “o que há de mais íntimo no homem, e o que há nele de maior valor.” (CIC, 2000, p. 105).

O corpo no século XVII aparece como uma parte menos humana, se assemelha a uma máquina, e está voltada para a produção. A doutrina Mecanicista tentava explicar todos os processos naturais através da física e da química². Associar o corpo a ideia de uma máquina talvez seja uma forma de esquecer que ele é um organismo decadente³.

Talvez, esta estratégia, protele o que não se quer enxergar, que a funcionalidade do nosso corpo não pode ser comparada a de uma máquina e que neste corpo existe algo a mais, que o *anima* e que por vezes acaba controlando toda esta mecânica, todo este organismo⁴.

O corpo e a pessoa são confundidos nas representações, de um lado transparece o que somos, o que acreditamos, a pressão cultural e social, e de outro não determina quem somos. Diante das diferenças entre como se vê o homem e o corpo, seja nas culturas canaque, oriental, ou no campo anatomofisiológicas⁵, pode-se indagar como separá-los para o imaginário popular?

Segundo a Sociologia do Corpo, tudo pode ser explicado pela cultura em que os atores estão inseridos, o enfoque no campo biológico é quase nulo⁶. Tudo faz transparecer uma epistemologia fenomenológica em que se dá ênfase no sujeito e suas relações, e no existencialismo sartreano de que nada além da sociedade influencia nas relações corporais e comportamentais.

O homem se coloca como uma máquina, ele constantemente está produzindo, gerando capital, comprando uma falsa qualidade de vida, almejando um corpo criado para os

² Descartes (1596-1650), acreditava que o universo tinha sido criado por Deus, que funcionava de forma determinística, ou seja, passível de explicação pelos acontecimentos do passado, porém este Deus não intervia em sua criação.

³ De esquecer, como afirma Le Breton, que “o corpo é a ruína de muitos esforços do espírito. Além disso, um dia a morte aniquila em um instante esses esforços.” (LE BRETON, 2003, p. 126)

⁴ Le Breton (2007) afirma que antes, o corpo determinava o que o homem seria. Hoje, ele o transforma para o que quer ser. Até mesmo no quesito da sexualidade como discute a Teoria da Construção Social trazida por Parker (2000), que possui o pressuposto de que a sexualidade é construída de forma cultural e temporal e que é mutável nestes aspectos. Para Le Breton “A versão moderna do dualismo difuso da vida quotidiana opõe o homem ao seu próprio corpo, e não, como antigamente, a alma ou o espírito ao corpo.” (*Idem*, 2004, p. 7). Le Breton resgata esta prerrogativa do seu livro *La Sociologie du corps* (1992) ao afirmar que “O dualismo da modernidade não opõe a alma ao corpo, mas sutilmente opõe o homem ao corpo.” (*Idem*, 2007, p. 87).

⁵ Le Breton coloca que “A tarefa da antropologia ou da sociologia é compreender a corporeidade enquanto estrutura simbólica e, assim, destacar as representações, os imaginários, os desempenhos, os limites que aparecem como infinitamente variáveis conforme as sociedades” (LE BRETON, 2007, p. 30).

⁶ Podemos perceber pelo raciocínio de Le Breton que ele extingue qualquer tipo de existência além da humana, *deuses* não são citados e devem pertencer a cultura, são criações, não são fatos, o que talvez mostre um pouco do ceticismo do autor.

consumidores e que incita o consumo. Assume o lucro do capital como ética de vida e se vê como uma máquina que produz capital⁷.

A padronização de beleza, a exigência de estar na moda, de fazer parte de uma *tribo* e ter tudo o que as convenções ditam para pertencer a ela, acabam por ajustar ou desajustar o comportamento de muitos jovens. Contudo, ao se priorizar o consumo em detrimento da condição humana, não se produzem apenas marcas corporais, mas marcas em seu âmago.

Jovens que não possuem os padrões de beleza estipulados por uma sociedade que supervaloriza os bens materiais, sentem-se atraídos pelas propagandas sedutoras que os levam ou a gastar tudo que tem. Estar inserido em uma cultura, que pouco tem a ver com a sua, desperta a vontade de adquirir o que os nativos possuem.

Corpos de jovens que não estão inseridos no estereótipo da atualidade, mesmo sem *piercings*, tatuagens ou outras marcas, podem estar marcados como de um ser que não pode seguir os padrões de beleza da sociedade moderna, os padrões consumistas. Situações que nos fazem pensar as consequências deste corpo, que é o primeiro contato do homem com o mundo, como produto social e cultural.

Será que este homem, produtor/produto do consumismo, não consegue mais perceber as fragilidades do outro? Perdeu a sensibilidade? Não tem alma, coração, só corpo? O convívio humano foi destruído por novas formas de pensar? Qual o preço a ser pago por indivíduos que enfrentam a crise de identidade na sociedade moderna?

Tentaremos refletir sobre as possíveis respostas a estas questões, situando o homem neste tipo de sociedade moderna. O aporte teórico que compreende os estudos em Sociologia do Corpo de Le Breton (1992), complementada pela fragilidade dos laços afetivos levantada por Bauman (2001), permitirão compreender algumas características e consequências deste tipo de comportamento social que orienta a prática de muitos jovens.

As contribuições trazidas por Baudrillard (1993), Hall (2001) e Sartori (2001), também orientam o desenvolvimento deste estudo.

O CORPO MOLDADO PELO CONTEXTO SOCIAL E CULTURAL

O surgimento de uma sociologia do corpo no século XIX, traz algumas respostas para compreender a maneira como utiliza-se o corpo, faz-se dele a matéria que personifica e deixa

⁷ Para Le Breton, “a retórica da alma foi substituída pela do corpo sob a égide da moral do consumo.” (*Idem*, 2007, p. 84), o homem adapta a seu talante seu corpo, constrói sua identidade, influenciando e sendo influenciado pelo meio social e cultural.

em contato com o mundo⁸, confere-se ao corpo a condição de existência humana, argumenta-se que o fenômeno de existência corporal está *incorporado* no nosso contexto social e cultural, ou seja, a linguagem corporal está inserida no canal pelo qual as relações sociais são elaboradas e vivenciadas.

Existir significa estar em constante mudança no espaço e no tempo, no momento que se muda, transforma-se o meio. Este contato confere ao corpo uma adequação ao contexto em que ele está inserido, inclusive em termos de sexualidade⁹.

Na tribo *Suruwaha*, situada no sul do Amazonas, bebês deficientes, filhos de mães solteiras ou que são gêmeos, devem ser enterrados vivos pela sua cultura. Os corpos não podem apresentar defeitos, sob o pretexto de serem frutos de forças do mal e futuramente procriarem outros de corpos defeituosos. O que para a sociedade moderna pode ser um crime, para eles é medida de proteção. Na maioria das tribos brasileiras o infanticídio foi desaparecendo devido à aculturação dos índios.

O corpo é um produto da condição social, cultural e política, destarte sendo o espaço social uma arena de batalha de egos, não é difícil imaginar o uso deste corpo para demonstrar imponência e estimular uma estratificação social que por mais que admita uma permuta entre os atores, uma homogeneização social torna-se inexorável¹⁰.

Enquanto se expõe sobre o corpo na atualidade cujas marcas impressas pelos jovens são construções sociais, afirma-se que as culturas nacionais e internacionais que dominam a modernidade se sobrepõem às culturas locais de identificação cultural.

A globalização distancia a ideia clássica de sociedade da ideia nova de sociedade mutável e compreendida como uma ordenação histórica e social¹¹, e contraria o determinismo

⁸ Le Breton explica em seu livro *A sociologia do Corpo* (2007), que esta é uma parte da Sociologia dedicada a compreender a corporeidade humana “como fenômeno social e cultural, motivo simbólico, objeto de representações e imaginários.” (LE BRETON, 2007, p. 7).

⁹ Patton (PATTON, 1994 *apud* BRITZMAN, 2000) argumenta que o espaço sexual depende da geopolítica, ou seja, o local geográfico que você está influencia na sua sexualidade a partir do modo como é visto o sexo neste local e da política de tratamento que se dá a ele. Citando Mead (1935) e suas pesquisas em sociedades de Nova Guiné, Le Breton (*ibidem*, p. 66) mostra como a relação entre os sexos é determinada pela cultura. Na comunidade *Chambuli*, a mulher é o ser racional e o homem é o ser emotivo. Relembrando Simone de Beauvoir “não se nasce mulher, torna-se mulher.” (*Idem, ibidem*, p. 66).

¹⁰ Afirmam Butler e Laclau que o meio social se constitui como o espaço em que se desenvolvem as relações hegemônicas. Contudo, é característico de qualquer posição hegemônica não alcançar nunca a estabilidade: toda posição hegemônica sempre está exposta ao risco de ser desordenada (BUTLER; LACLAU, 1995, p. 116, tradução minha).

¹¹ Para Bauman (2001), a sociedade muda constantemente e temos que acompanhar estas mudanças, para isso tudo se torna líquido e capaz de se adequar a qualquer situação nova. Para Darwin (1859/2004) o homem é produto da evolução, os mais dotados sobrevivem a determinadas situações, e são geneticamente evoluídos a depender do meio.

biológico de Darwin que preconizava que o homem é produto de seu corpo¹². Propondo uma antropologia dos gestos, trata-se que o corpo inserido numa cultura aprenderá atos tradicionais e gestos eficazes que combinam uma série de fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais¹³.

Todavia, a cultura produzida pelas modificações manuais, como artesanato, pinturas e outras técnicas construídas pelo homem através de seu corpo, vem sendo substituída por uma cultura unificada. O processo de globalização tem deixado esta marca que põe em xeque a identidade de povos, identidade esta que não se resume em gestos, mesmo que signifiquem e confirmem valor comunicativo numa determinada sociedade.

O homem sai das particularidades das comunidades, tribos, tradições, costumes, para uma produção isomorfa. O que vemos hoje são as mesmas lojas, mesmas comidas, mesmas roupas, mesmos corpos que devem ter o mesmo tamanho também! Percebe-se que o homem, querendo romper com a mesmice que o mundo pós-moderno impôs, acaba criando novas comunidades, novas tribos, novas tradições, novos costumes¹⁴.

Quiçá, esta seja uma forma de conciliar as necessidades em cumprir tantas tarefas num dia curto com a urgência em dizer que existe, que não é uma máquina, que é um ser humano e talvez lembrar que existe algo a mais que a estrutura física, algo a mais que o corpo. Questionamos até que ponto isso é possível numa sociedade que se prostra cultuando o corpo?

O ISOMORFISMO DO CORPO IDEAL

Uma padronização do corpo ideal pode ser sentida desde o século XIX, a sociedade de Ginástica de Perigueux, na França, propõe desenvolver homens preparados para o combate, através de técnicas para acentuar as formas físicas¹⁵.

Para manter a aparência as companhias norte-americanas de seguro de vida trazem tarifas diferenciadas caso os usuários se distanciem dos padrões do *corpo saudável* e elencam uma série de categorias que denunciam se as normas estão sendo seguidas¹⁶.

¹² Ao contrário, afirma que “o homem sempre e em toda parte, soube fazer do seu corpo um produto de suas técnicas e representações.” (LEVI-STRAUSS, 1974, p. 5)

¹³ Le Breton (2007) afirma que “a memória de uma comunidade humana não reside somente nas tradições orais e escritas, ela se constrói também na esfera dos gestos eficazes.” (LE BRETON, 2007, p. 44).

¹⁴ O homem pós-moderno quer se autoafirmar e para isso usa o corpo “para não passar despercebido e logo existir aos olhos dos outros, ou pelo menos ter este sentimento.” (LE BRETON, 2004, p. 19-20). Como uma maneira de dizer que tem um corpo, que este corpo fala e se fala existe, como o raciocínio de Descartes, *cogito ergo sum* (cogito≈ratio≈falar≈pensar).

¹⁵ Vigarello (2008) vem dizer que “A exigência cresce ainda mais nos clubes, como os de futebol, por exemplo, no começo do século XX, onde não se admite mais o jogo sem o treinador, nem sem uma preparação prévia.” (VIGARELLO, 2008, p. 200).

Se isso já não é uma seleção entre os corpos que traduzem saúde e os corpos *doentes*, outra forma de exclusão é percebida no início do século XX através do esporte, onde a pluralidade cultural também implica uma pluralidade esportiva, persistindo as distinções entre classes sociais¹⁷.

A partir da década de 60, as representações sociais acerca do corpo mudaram¹⁸. O corpo já não une, fala por si só, talvez como um olhar narcisista de endeusar o corpo, a aparência, como forma de tornar obscuro alguns aspectos do ser, o corpo é um lugar de rompimento.

Na modernidade, década de 70, rompe-se com paradigmas puritanistas e mostra que o corpo passa a ser um objeto de referência. O cuidado com a aparência faz-nos lembrar da mística narcisista, a luta contra traços temporais e a busca pela eterna juventude¹⁹.

Ao mesmo tempo em que se endeusa o corpo, o homem percebe exteriorizado por um membro *supranumérico*, um membro fraco, imperfeito, falível, temporal. A crise interior que se instala no homem, como este corpo que é perfeito pode se desfazer? Como esquecer, ao menos momentaneamente, que o corpo é deteriorável?

Uma série de regras de etiqueta vai ditar as lógicas sociais e culturais para o corpo como forma de padronizar os tratos entre indivíduos de um mesmo grupo e focar na matéria, esquecendo-se de uma possível validade para ela²⁰.

O culto ao corpo e todos os esforços para mantê-lo imutável e longe de moléstias são evocados na etnia indígena *Nacirema* (um dos anagramas da palavra *american*), tribo da América do Norte adepta da feitiçaria visando conservar/preservar o corpo. As práticas de

¹⁶ [...] de doze quilos abaixo até vinte e três quilos acima da norma. [...] o aumento do tamanho do duplo queixo [...] Ao passo que são identificados *três estágios de queda* dos seios. E isto transforma a carga adiposa em volumes de camadas regulares com suas imperceptíveis quedas que permitem melhor observar quando se começa a engordar (VIGARELLO, 2008, p. 219-220).

¹⁷ Segundo Vigarello, “Os esportes de combate, por exemplo, ou a caminhada se contrapõe aos esportes de rico que são ainda a vela ou o golfe, que se tornaram seletivos pelas restrições de espaço ou de material.” (VIGARELLO, 2008, p. 237).

¹⁸ Ele usa as palavras de Durkheim para afirmar que “o corpo é um fator de individualização.” (DURKHEIM, 1968 *apud* LE BRETON, 2007, p. 11)

¹⁹ O corpo feminino é um “veículo privilegiado da beleza, da sexualidade e do narcisismo dirigido.” (BAUDRILLARD, 1995, p. 145). Baudrillard (*Ibidem*, p.149) denota sobre uma “beleza imperativa, universal e democrática, inscrita como direito e dever de todos no frontão da sociedade de consumo.” O corpo é referenciado, deificado, e transformado em estereótipo de beleza, *status* social, objeto de desejo e consumo.

²⁰ Mauss (1950 *apud* LE BRETON, 2007) propõe uma classificação das técnicas corporais conforme o sexo, a idade, o rendimento das habilidades corporais, as formas de transmissão da cultura pelo corpo. A gestualidade humana também é socialmente construída, tais como o aperto de mão, aceno de cabeça, abraços, beijos.

higiene ocidental como forma de prevenção de doenças. Tudo compete para que o corpo permaneça incólume²¹.

A polêmica envolta aos transplantes de órgãos faz-nos pensar qual é o valor real que o corpo tem para nossa sociedade. De quem as pessoas estão a favor? O corpo é intocável? O valor técnico e o uso do corpo a favor da medicina e essa da longevidade, supervalorizam o corpo?

O homem é visto só pela aparência física e esta remete a um imaginário social que o classifica. Os livros que costumam *ler* gestos, atitudes, físicos, são portas também para uma interpretação errônea e preconceituosa do homem pelo corpo. Rotulam, marcam e representam a moral humana pelo corpo a que pertence²².

Existe um padrão, uma normalidade que classifica o corpo saudável. Reflete-se sobre as habilidades manuais destros ou canhotas, fazendo um paralelo entre o sagrado e o profano. O corpo perfeito não contraria os cosmos, ou a ordem.

Esta reflexão acaba nos obrigando a pensar sobre como as representações sociais acerca do corpo são construídas, como isso orienta as ações do grupo e, conseqüentemente, determina como veremos e trataremos as pessoas segundo seus corpos.

O VALOR DO HOMEM MENSURADO PELO CORPO

O sentido que o corpo terá para o homem se dará mediante sua interação no mundo, sendo a primeira matéria de contato com a sociedade, o limite para seu uso não existe. Assim, o corpo se torna elemento de consumo para corresponder ao público.

A sociedade e os meios que a cercam – e que são produtos dela –, definem o que é consumo, e este é um tipo de relação estabelecido para satisfazer as suas necessidades e sua produção²³.

²¹ Contudo Le Breton coloca que o valor deste corpo depende da importância que a sociedade confere a ele, “As qualidades morais e físicas atribuídas ao homem ou à mulher não são inerentes a atributos corporais, as são inerentes a significação social que lhes damos e às normas de comportamento implicadas” (LE BRETON, 2007, p. 68).

²² Para Le Breton (2007), “O processo de discriminação repousa no exercício preguiçoso da classificação: só dá atenção aos traços facilmente identificáveis (ao menos ao seu ver) e impõe uma versão reificada do corpo.” (*Idem, ibidem*, p. 72).

²³ Baudrillard (1993) defende que “É preciso que fique claramente estabelecido desde o início que o consumo é um modo ativo de relação (não apenas com os objetos, mas com a coletividade e com o mundo), um modo de atividade sistemática e de resposta global no qual se funda nosso sistema cultural” (BAUDRILLARD, 1993, p. 206).

O corpo a serviço do consumo não une como em outras sociedades tradicionais, a evolução da sociedade ocidental consumista, deu ao corpo outro mote, o corpo deve ser percebido, mas não deve ser tocado.

Numa sociedade tecnológica, em que tudo conspira para o crescente movimento do mercado de produção, e para a sobra de um tempo que não está a favor do bem-estar do indivíduo, mas do mercado²⁴. As pessoas são facilmente substituídas por coisas, e o contato físico pode ser diminuído, e quiçá, cessado na *distância transacional* dos meios eletrônicos²⁵.

Porventura uma forma de reparar esta unanimidade de atitudes é diferenciar-se através do corpo, buscando uma identidade única e individual, que é posta em xeque no momento em que se escolhe para ornamentar o corpo o que a grande maioria escolheu.

Se pudéssemos parar para pensar em todas as coisas que substituímos por falta de tempo, para dar conta das exigências do mercado de trabalho, das exigências do mundo moderno, que praticamente impõe o que é qualidade de vida²⁶.

Exigem-se boas regras para a saúde física também, o corpo bem definido, malhado, ou como a revista feminina da década de 30²⁷. Nas entrelinhas desta veiculação de saúde, está o serviço do corpo ao trabalho, o corpo produtivo é o que interessa ao Estado e aos meios de produção²⁸.

Usando uma frase de Marx no Manifesto Comunista, entende-se que ideias refletem uma sociedade transformadora e com uma solidez pragmática da burguesia revolucionária,

²⁴ Le Breton aponta que “o indivíduo não precisa mais, necessariamente, se encontrar fisicamente com outros; a conversa frente a frente durante um passeio tranquilo ou em um lugar silencioso parece hoje perder espaço diante do diálogo apaixonado do proprietário de um celular ou computador com seus interlocutores invisíveis e falantes” (LE BRETON, 2003, p. 129).

²⁵ Consonante à ideia de Le Breton, Baudrillard já afirmava que “Começamos a viver menos na proximidade dos outros homens, na sua presença e no seu discurso; e mais sob o olhar mudo de objetos obedientes e alucinantes que nos repetem sempre, o mesmo discurso – isto é, o nosso poder medusado, da nossa abundância virtual, da ausência mútua de uns aos outros” (BAUDRILLARD, 1995, p.15). Para Le Breton, “as sociedades substituíram a raridade dos bens de consumo pela raridade do tempo. É o mundo do homem apressado.” (*Idem*, 2011, p. 166).

²⁶ Segundo Bauman, “Se as latas podem ser abertas com um tipo de esforço menos “ruim para você” graças a um novo abridor de latas eletrônico milagrosamente engenhoso, sobrarão mais tempo para ser gasto numa academia exercitando-se com aparelhos que prometem uma variedade de exercício “boa para você”. Mas, quaisquer que sejam os ganhos de uma transação como essa, seu impacto sobre a soma total de felicidade é, no mínimo, bastante ambíguo” (BAUMAN, 2009, p. 12-13). Consumos que dependem de um ônus a ser pago pelo corpo que não é uma máquina. Para Le Breton, “Não se compara a máquina ao corpo, compara-se o corpo à máquina. [...] ele se usa, sua precariedade o expõe a danos irreversíveis e, sobretudo, ele não tem a permanência da máquina a morte é o preço pago pela perfeição.” (LE BRETON, 2011, p. 395).

²⁷ Trazia: “o corpo deve sugerir *recordações de férias*. O corpo deve sugerir o *ar livre* que, ele somente faz *trunfar a verdadeira beleza – Marie Claire 1938*.” (VIGARELLO, 2008, p. 216).

²⁸ Bauman sintetiza que a saúde dentro de uma sociedade de produtores “Refere-se a uma condição corporal e psíquica que permite a satisfação das demandas do papel socialmente designado e atribuído – e essas demandas tendem a ser constantes e firmes. “Ser saudável” significa na maioria dos casos “ser empregável”: ser capaz de um bom desempenho na fábrica, de “carregar o fardo” com que o trabalho pode rotineiramente onerar a resistência física e psíquica do empregado” (BAUMAN, 2001, p. 91).

particularmente na Europa, nos séculos XVIII e XIX, Concomitantemente, demonstra uma contradição entre as sólidas instituições capitalistas e a liquidez das relações tecidas pela modernidade²⁹.

As relações construídas outrora foram modificadas e confere a elas uma conotação de liquidez. O que é líquido não fixa espaço, o tempo está a seu favor, o que é líquido se adéqua às mudanças, enquanto que o que é sólido possui volume e corpo definido, o que ele preenche hoje só preencherá amanhã se não sofrer mutações.

As imposições da sociedade moderna possuem uma liquidez no sentido de que a todo tempo é mutável, o que é hoje pode não ser mais amanhã e as pessoas devem estar prontas a se adaptar como um líquido a estas novas estruturas. As identidades assumem pluralidades, deixando de identificar um indivíduo para identificar a massa³⁰. Tudo isso assume caráter permanente numa sociedade que fomenta o consumismo desenfreado, na mídia que dita padrões e moda.

Se a sociedade burguesa do século XVII, experimentava recursos para adestrar³¹ os corpos que porventura ultimassem na prisão, no século XXI o mercado com o auxílio dos meios de comunicação, regulam o comportamento dos indivíduos. A sociedade moderna está fadada a um aprisionamento sólido, os corpos são reféns destes modelos e isso resiste ao tempo.

MARCAS NO CORPO E NA ALMA: PRODUTOS DO CONSUMO INCÔNSCIO

O crescimento de centros de modificações corporais demonstra a adesão de uma parcela significativa da população às mudanças, o que não causa espanto numa cultura moderna, onde os meios de comunicação exercem o controle sobre a população em massa que, estrategicamente, criam um arquétipo e os indivíduos, docilmente, o transformam em estereótipo.

²⁹ Segundo Marx, “Todas as relações fixas, enrijecidas, com seu travo de antiguidade e veneráveis preconceitos e opiniões, foram banidas; todas as novas relações se tornam antiquadas antes que cheguem a se ossificar. Tudo que é sólido desmancha no ar, tudo que é sagrado é profano, e os homens finalmente são levados a enfrentar [...] as verdadeiras condições de suas vidas e suas relações com seus companheiros humanos” (MARX, 1848 *apud* BERMAN, 1998, p. 20).

³⁰ Para Bauman a identidade é fluida e se adéqua ao que o indivíduo quer ser no momento, “Em vista da volatilidade e instabilidade intrínsecas de todas ou quase todas as identidades, é a capacidade de “ir às compras” no supermercado as identidades, o grau de liberdade genuína ou supostamente genuína de selecionar a própria identidade e de mantê-la enquanto desejado, que se torna o verdadeiro caminho para a realização das fantasias de identidade” (BAUMAN, 2001, p. 98).

³¹ Foucault (1975/2010) mostra-nos que a cultura ocidental funciona como *sociedades disciplinares*. As regras de convivência impostas e o condicionamento do corpo a elas são instauradas, entre os séculos XVII e XVIII, objetivando a habilidade e a docilidade dos corpos.

Concursos de tatuagens e mostra de deformidades no corpo produzidas pela introdução de implantes subcutâneos, expõem os corpos para apreciação dos transeuntes, o que para alguns pode ser símbolo de determinação, para outros pode ser símbolo de insanidade.

Diversões exóticas que revelam um espetáculo de monstruosidade e um prazer mórbido aos que apreciam e protagonizam estas cenas. Seria isso uma resposta dos jovens a uma sociedade que dita as regras de etiqueta corporal? Ou seria isso mais um artifício do mercado de consumo para seduzir os jovens?

Exibições de fenômenos vivos são documentadas desde o século XIX, nos espetáculos chamados de *entra-e-sai* que se resumia em uma exploração comercial de enfermidades e deformidades físicas³². As pessoas em nome da *higienização* vivem tramas de um terceiro. Seria um sinal de que a cultura moderna está repleta de *voyeurs* indiferentes aos sentimentos alheios?

Jovens que se iludem com o tipo de impressão que podem causar, sendo reféns do consumo e tentando seguir os ditos padrões, caem no mundo do crime, com uma marca na alma difícil de ser apagada para os que ainda possuem empatia.

Algumas pessoas se enchem de dívidas, deixam de se alimentar bem, para comprar o que está na moda e não veem problemas nisso, já que o que acontece dentro de sua casa, o que lhe falta não interessa aos outros, ninguém pode ver, nem descobrirão se você não contar, mas o que você usa, como se apresenta o seu corpo, isso não se esconde.

E numa sociedade moderna, em que para muitos o que vale é o ter, fica-se na espera de uma segunda chance para estes jovens, onde uma crença em ressocialização se dá com uma contrapartida em benefícios financeiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

³² Segundo Courtine, “Barnum foi o estrategista inquestionável desta apoteose.” (COURTINE, 2008, p. 276). O autor assinala o que poderia ser uma explicação para o fascínio por estes espetáculos que revelam por vezes um prazer mórbido, “Percebem-se então, de modo mais distinto as molas psicológicas da curiosidade fascinada pela monstruosidade humana: se o corpo do monstro vivo provoca esse bater do olhar, se ocasiona um tal choque perceptivo, é pela violência que faz ao corpo próprio daquele que volta seu olhar para ele. A incorporação fantasiada da deformidade perturba a imagem da integridade corporal do espectador, ameaça-lhe a unidade vital (COURTINE, 2008, p. 278). Ainda segundo Courtine, “o monstro é sempre uma exceção que confirma a regra: é a normalidade do corpo urbanizado do cidadão que o desfile dos estigmatizados diante da objetiva convida a reconhecer no espelho deformador do anormal [...]. O século XIX havia inventado, com perfeita inocência, o voyeurismo de massa” (COURTINE, 2008, p. 280-281).

O ato de consumir fez-nos reféns de nós mesmos, a sociedade de consumo tende a desmitificar objetos de desejo, corpos perfeitos para se tornar o próprio mito³³. Por trás destes objetos de consumo, escondem-se os consumidores compulsivos e os que buscam comprar uma felicidade, mascarada num produto. É a lei do mercado desvelando a crise interior nos indivíduos.

Buscando uma fuga da realidade, num mundo em que a felicidade pode ser comprada tudo se torna mais fácil, mais divertido, as responsabilidades se esvaem. A comodidade produzida pela tecnologia provoca uma falsa sensação de prazer, de tranquilidade.

Tranquilidade esta que não pode ser ameaçada por uma possível relação com o outro, esta perspectiva antes de ser concretizada deve ser banida os custos de se aprender a conviver com o outro não compensam a ausência de sossego³⁴.

Mesmo quando os telejornais vêm mostrar a realidade, após seus blocos, tem uma publicidade que enchem nossos olhos e nos fazem esquecer o que nos rodeia. Com dinheiro se compra tudo, segurança, felicidade, saúde, amizades, é isso que se veicula nos bastidores de uma propaganda e fazem os consumidores acreditarem que não podem viver sem aquele produto.

Quem não possui a nova tecnologia é obsoleto, não tem a *senha* para entrar numa *tribo* do momento. Uma sociedade capitalista que produz esta (in)consciência prioriza o espetáculo³⁵.

A sociedade que não constata a crise de identidade a que chegou pelo consumismo, constrói um ser humano que não vê o outro como outro e sim, como coisa, ferem seus

³³ De acordo com Baudrillard, “Importa que o indivíduo se tome a si mesmo como objecto, como o mais belo dos objectos e como o material de troca mais precioso, para que, ao nível do corpo desconstruído, da sexualidade desconstruída, venha a instituir-se um processo económico de rendibilidade” (BAUDRILLARD, 1995, p. 143).

³⁴ Para Sartori, 2001, o homem deixa de analisar criticamente a realidade, passa a ser massa de manobra da mídia. A população repete e reflete a opinião dos meios de comunicação, particularmente, da televisão, que é ainda o meio mais acessível a todas as camadas sociais. Segundo Bauman, “Para nós, os habitantes deste líquido mundo moderno que detesta tudo o que é sólido e durável, tudo que não se ajusta ao uso instantâneo nem permite que se ponha fim ao esforço, tal perspectiva pode ser mais do que aquilo que estamos dispostos a exigir numa barganha” (BAUMAN, 2004, p. 46). O homem é prisioneiro de suas criações, para Sartori, “Não temos mais um homem que ‘reina’ graças à tecnologia inventada por ele, mas ao contrário, temos um homem submisso à tecnologia, dominado pelas próprias máquinas. O inventor é esmagado pelos seus inventos.” (SARTORI, 2001, p. 119).

³⁵ Segundo Goreneder, “Importa mais do que tudo a imagem, a aparência, a exibição. A ostentação do consumo vale mais que o próprio consumo. O reino do capital fictício atinge o máximo de amplitude ao exigir que a vida se torne ficção de vida. A alienação do ser toma o lugar do próprio ser. A aparência se impõe por cima da existência. Parecer é mais importante do que ser” (GORENDER, 1999, p. 125).

semelhantes sem se sensibilizarem com a dor alheia. Destrói os valores humanos, e valoriza o que pode ser mensurado por riquezas materiais, desprezando quem não possui estes dotes³⁶.

O culto ao corpo que põe à margem quem não se adéqua aos padrões da moda propagados, principalmente, pelos meios de comunicação. Deixam homens que vivem numa situação de vulnerabilidade social, destinados à escassez da dignidade humana.

Para que isso não atormente os protagonistas deste genocídio, é recomendável que não vejam os produtos ou os afetados por uma economia que se preocupa com o capital e não prioriza o bem-estar social³⁷.

Contudo, as marcas deixadas em quem se ludibriou com a facilidade em se obter felicidade, disseminada por uma sociedade como esta demorarão a se apagar. Aos poucos que possuem rompantes de lucidez ou que não se deixaram cegar pelos apelos sedutores do mercantilismo, fica a frase em tom apocalíptico de Levi-Strauss, “Meu único desejo é um pouco mais de respeito para o mundo, que começou sem o ser humano e vai terminar sem ele.”³⁸.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *A arte da vida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2009.

BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1995.

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo, SP: Perspectiva, 1993.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria Ioriatti. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1998 [Trabalho original publicado em 1982. Título original: All that is solid melts into air].

³⁶ Lipovetsky afirma que, “Hoje em dia vivemos para nós mesmos, sem nos preocuparmos com nossas tradições e com a nossa posteridade: o sentido histórico foi abandonado, da mesma maneira que os valores e as instituições sociais.” (LIPOVETSKY, 2005, p. 32).

³⁷ “E assim também faz a escolha que se segue logicamente: aprender a difícil arte de viver com a diferença ou produzir condições tais que façam desnecessário esse aprendizado.” (BAUMAN, 2001, p. 204).

³⁸ Discurso proferido por Claude Levi-Strauss na ocasião do recebimento do 17º Prêmio Internacional Catalunha, Espanha, 2005.

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 2ª Ed. MG: Belo Horizonte, Autêntica, 2000.

BUTLER, Judith; LACLAU, Ernesto. *Los usos de la igualdad*. Revista TRANS. Trad. Monica Mansour. Nova Iorque: Publicações Passim, v. 1, n. 1, p. 115-139, nov. 1995.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA – CIC. São Paulo, SP: Loyola, 2000.

COURTINE, Jean-Jacques. O corpo anormal: história e antropologia culturais da deformidade. In: CORBIN, Alan; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, George. *História do corpo: As mutações do olhar*. Século XX. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 253-340.

DARWIN, Charles. *A origem das espécies*. Trad. Eduardo Fonseca, Rio de Janeiro, RJ: Ediouro, 2004. [Trabalho original publicado em 1859. Título original: On the origin of species].

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 38ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. [Trabalho original publicado em 1975. Título original: Surveiller et punir].

GORENDER, Jacob. *Marxismo sem utopias*. São Paulo, SP: Ática, 1999.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 6ª Ed. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2001.

LE BRETON, David. Adeus ao corpo. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O homem máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2003, p. 123-137.

LE BRETON, David. *Sinais de Identidade: Tatuagens, piercings e outras marcas corporais*. Trad. Tereza Frazão. Árvore, Lisboa: Miosótis, 2004.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Trad. Sonia Furhmann. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2007 [Trabalho original publicado em 1992. Título original: La sociologie du corps].

LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*. Trad. Fábio dos Santos Creder Lopes. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2011. [Trabalho original publicado em 1990. Título original: Anthropologie du corps et modernité].

LÉVI-STRAUSS, Claude. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. Trad. de Lamberto Puccinelli. São Paulo, SP: Editora da Universidade Estadual Paulista, v. I, 1974, p. 1-36. [Trabalho original publicado em 1950. Título original: Introduction à l'oeuvre de Marcel Mauss. Sociologie et anthropologie].

LIPOVETSKY, Gille. *A Era do Vazio: Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Trad. Miguel Serras Pereira e Ana Luísa Faria. Barueri, SP: Manole, 2005. [Trabalho original publicado em 1983. Título original: L'ère du vide].

PARKER, Richard. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 2ª Ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2000.

PLATÃO. *Diálogos*: Eutífron, Apologia de Sócrates, Críton, Fédon. Trad. Márcio Pugliesi e Edson Bini. São Paulo, SP: Hemus, 1991. [Relato do julgamento de Sócrates de 399 a. C.].

SARTORI, Giovanni. *Homo videns: televisão e pós-pensamento*. Bauru, SP: Editora da Universidade Sagrado Coração, 2001.

VIGARELLO, George. Treinar. In: CORBIN, Alan; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, George. *História do corpo*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 197-250.